

BIANCA BERTOLI

MULHERES *invisíveis*

HISTÓRIAS DE LIDERANÇAS FEMININAS NA MIGRAÇÃO PARA BLUMENAU

Expediente: Universidade Federal De Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Jornalismo. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. **Bianca Bertoli.** Redação, Edição e Fotografia: **Bianca Bertoli.** Projeto Gráfico, Diagramação e Tratamento de Imagem: **Douglas Abelino.** Orientação: **Jorge Kanehide Ijuim.**

Nas migrações, a mulher geralmente é relacionada à pessoa que acompanha o marido, ligada ao lar e aos filhos. Fugindo desse papel instituído culturalmente, muitas saem sozinhas ou lideram o deslocamento de suas famílias para outros municípios na busca por novas oportunidades de emprego ou estudo. Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina é o terceiro estado mais procurado para se viver no Brasil, e Blumenau é a quarta cidade catarinense que mais recebeu mulheres entre 2005 e 2010. Nas páginas a seguir, seis migrantes compartilham suas histórias e mostram as dificuldades que encontram por fazer parte da população que não se enquadra nas supostas características europeias ostentadas pela região.



07
BEM-VINDO AO VALE EUROPEU

12
QUANDO MIGRAR SE TORNA UM ATO DE AMOR

18
OS CONTRASTES DEPOIS DA CURVA

22
ATRÁS DO MORRO, A FELICIDADE

28
UM MUNICÍPIO, VÁRIAS CORES



As disparidades encontradas em cima dos morros que circundam o município

BEM-VINDO AO VALE EUROPEU

Localizada no terceiro estado mais procurado para se viver no Brasil, Blumenau atrai novos moradores graças aos altos índices de emprego e qualidade de vida, mas deixa à sombra aqueles que moram longe dos pontos turísticos germânicos

Aparecida das Dores Leite era pequena quando decidiu que um dia moraria em Blumenau. A mineira criada em São Paulo conheceu a cidade pelos livros da escola e se apaixonou. Ainda menina, caso questionassem sua naturalidade, se dizia blumenauense sem pestanejar. Ela sonhava com a cidade colonizada por alemães, desses sonhos que surgem no início da vida e que não desaparecem nem com a chegada da fase adulta. E foi nessa fase que realizou sua vontade. Em 1992, aos 27 anos, assim que terminou o curso de Tecnologia de Processamento de Dados em Franca, no interior paulista, veio para Santa Catarina.

A mineira não conhecia ninguém no município. Alugou uma casa com as economias que fez trabalhando durante a graduação e foi procurar emprego. Em menos de um mês conseguiu em uma empresa de informática já extinta. Aparecida, como todas as outras entrevistadas para essa reportagem, sabia que encontrar uma oportunidade não seria difícil. Desde que as grandes fábricas têxteis da cidade nasceram, há mais de meio século, Blumenau vem liderando o *ranking* de geração de empregos: em 2016 a cidade ocupou o primeiro lugar no estado e quinto no país, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego.

“No primeiro trimestre de 2016 os setores que mais empregaram em Blumenau foram empresas de tecnologia da informação, que necessita de pessoas com ‘alta qualificação’. O setor de serviços também teve boa contratação, pois desde 2013 vinha demitindo e agora houve um certo ‘remanejamento’ dos trabalhadores nesse setor, principalmente imobiliário e seguros — que exigem uma qualificação média. O terceiro setor que também contratou foi a administração pública, principalmente em caráter temporário”, explica o sociólogo e professor da Universidade Regional de Blumenau (Furb) Nelson Garcia Santos.

Os bons números atraem brasileiros de outras regiões que buscam melhores salários e novas oportunidades. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina é o terceiro estado mais procurado nas migrações, perde apenas para Goiás e São Paulo. Blumenau é a quarta cidade catarinense que mais recebeu mulheres. Entre 2005 e 2010, 15.680 chegaram ao município contrastando com os 14.925 homens.

A chamada migração feminina “tem a ver com o crescente protagonismo das mulheres, que cada vez mais estudam, trabalham fora de casa, e tomam as decisões que dizem respeito a elas e à família. Isso tende a se intensificar”, contextualiza o geógrafo e doutor em Estudos Migratórios da Universidade de São Paulo (USP), Helion Pavao Neto. Cerca de 70% dos que vivem em Blumenau são do sul do país. Além dos catarinenses de outras regiões, o Paraná é o que mais perde moradores para o estado vizinho. Em seguida vem o sudeste, lugar que Aparecida deixou para trás.

“A migração feminina tem a ver com o crescente protagonismo das mulheres, que cada vez mais trabalham fora de casa e tomam as decisões que dizem respeito a elas e à família. Isso tende a se intensificar”

Não demorou para a mulher ambiciosa, de personalidade forte e sorriso discreto perceber que a cidade germânica descrita na literatura, publicidade e imprensa tinha pouca receptividade. “Eu sempre fiz amizades com quem também era de fora porque realmente o pessoal daqui era mais cismado. Eu sentia a animosidade do pessoal. Quando chegava no ponto de ônibus e tentava puxar assunto, as pessoas fingiam que eu não estava falando com elas, era bem diferente”, relembra.

Delzi, Joana, Vanilda, Joice e Roseilda também sentiram o distanciamento dos blumenauenses. Diferente da mineira, quatro das cinco migrantes que têm suas histórias contadas nas próximas páginas chegaram já nos anos 2000 e ainda assim

viveram diversos casos de antipatia ou até mesmo preconceito. Como Joana, que ouviu que os nordestinos chegam para tirar as vagas de emprego da população local. Helion explica que esse pensamento pode ser considerado “uma culpabilização indevida dos migrantes por problemas sociais que não foram causados por eles”.

Quando estava no primeiro emprego que conseguiu no município, Aparecida viu no jornal uma vaga de digitadora e se interessou. “Sabe quando você bate o olho e tem certeza que a vaga é sua? Aquela vaga era minha”. A jovem de cabelos negros, olhos castanhos e pele clara que adquiriu experiência nessa profissão em São Paulo estava confiante. No dia da entrevista fez um teste junto com outra mulher de cabelos loiros e olhos azuis. Apesar de ter se destacado na prova, a empresa convidou a concorrente. Até hoje Aparecida acredita que só não foi chamada por ter nascido fora do Vale Europeu.

A denominação foi criada pelo órgão de turismo do governo do Estado (Santur) como atrativo para visitantes. Blumenau é um dos principais pontos procurados e ostenta o Parque Vila Germânica, centro de eventos em que ocorre a *Oktoberfest*, popular festa alemã. Além disso, incentivos fiscais foram oferecidos para que os comerciantes da área central tornassem as ruas repletas de lojas com paredes revestidas por caibros entrelaçados — imitando as construções enxaimel. Nos bairros mais afastados as casas antigas são tomadas pelos matos, destruídas pelo tempo ou substituídas por novos empreendimentos.

Longe da identidade alemã dos pontos turísticos, a maioria das regiões residenciais conhece outra realidade. Atrás dos morros



Aparecida chegou sozinha e residiu em casa alugada durante dez anos

estão as mais de 23 mil pessoas que moram em favelas (o maior número do estado) ou outras tantas que vivem em bairros mais carentes, como é o caso do Itoupavazinha — que desde a década de 70 deixa gradativamente seu aspecto rural. É em uma rua desse local que Aparecida mora com o marido e dois filhos.

Construiu a casa de alvenaria, ainda sem tintura e com cômodos espaçosos, dez anos depois de chegar em Blumenau. Foi nessa época que fundou a empresa Isaac Turismo com o companheiro — que faliu cinco anos depois por problemas administrativos. Desde então consegue apenas o que chama de subemprego — atualmente trabalha como embaladora em uma pequena fábrica. Já as outras quatro, das seis mulheres dessa reportagem, coincidentemente conseguiram empregos como auxiliar de limpeza.

As semelhanças não param. Nenhuma delas pôde contar com o apoio da cidade que não possui qualquer tipo de política pública para

migrantes, algo comum no Brasil. “O Estado se retirou muito da função de acolher e abrigar migrantes internos recém-chegados. Todavia, mesmo que a migrante esteja bem informada, ela demanda muitas atenções. Por isso, políticas públicas ligadas a alojamento, atenção à saúde e proteção legal ainda me parecem necessárias”, acredita Helion.

Esquecidas, as migrantes em Blumenau dividem os amores e desamores de viver em uma região que insiste em preservar a cultura alemã e esconder a verdadeira diversidade que existe pelos cantos tímidos da cidade. Donas de seus destinos, provam que não há distinção entre um morador nascido, recém-chegado, descendente de europeus ou não: todos deveriam ter os mesmos direitos, a mesma representatividade. Assim que chegam e se estabelecem, tornam-se parte de Blumenau, contribuindo com sua história. E estão ali, mesmo que silenciadas. Mesmo que consideradas “exceção”. Mesmo que tratadas como *mulheres invisíveis*.

*“Então, se vocês repararem,
nós é que limpamos”*

QUANDO MIGRAR SE TORNA UM ATO DE AMOR

Joana Alves abriu mão do emprego, do convívio com parte da família e da vontade de viver na Bahia para que as duas filhas pudessem ter novas oportunidades de estudo

“Eu sei que as pessoas daqui gostam de estudar muito, gostam de ter um emprego melhor. Já nós que viemos de lá não tivemos condições de nos formar em coisas boas, então a gente tem que limpar para vocês. Então, se vocês repararem, nós é que limpamos”

Joana Paula Coelho Alves fala enquanto as mãos negras, sobrepostas, estão apoiadas nas pernas ao mesmo tempo em que os ombros, em uma atitude aparentemente tímida, ficam curvados. A postura aliada ao olhar baixo e desconfiado dá a sensação de que a baiana se sente inferior aos demais. É necessário pouco tempo de conversa para perceber que Joana, na verdade, tem humildade e simplicidade em excesso, algo pouco visto nesse mundo em que muitos querem ser (ou parecer) gigantes.

Ela não queria deixar o emprego de faxineira que conseguiu prestando concurso na prefeitura de Planalto, sua cidade natal. Foi o filho de 25 anos, que já estava trabalhando em Santa Catarina, que a convenceu de que aqui Joana daria mais oportunidades de estudo para as caçulas Débora e Raquel, hoje com 13 e 17 anos. De coração dividido, veio para Blumenau há cinco anos, deixando a mãe e outras duas filhas para trás.



Mesmo com fortes dores na coluna Joana não desiste de procurar trabalho

Não são raras as vezes que Joana chora de saudades da Bahia. O que faz as lágrimas cessarem e o sorriso fácil reaparecer é ver o quanto as duas meninas estão se esforçando na escola. Ela quer que as filhas voem alto, que entrem para a universidade e façam parte do percentual de 3,7% de estudantes de baixa renda que frequentam o ensino superior privado no Brasil. Joana estudou até a sétima série e sempre trabalhou com limpeza. O primeiro emprego que conseguiu em Blumenau também foi nessa função, em uma empresa de *software*.

Para chegar até a vaga procurou ajuda no Centro de Referência da Assistência Social (Cras) da Fortaleza, bairro onde passou a morar em casa alugada. Distante cerca de 13 quilômetros da área central da cidade, a região deixou de ser agrícola gradualmente a partir da década de 60 para se tornar residencial. A paisagem é dividida entre grandes lotes repletos de pasto e gado, alguns prédios, muitas casas de madeira, alvenaria, a sede da Dudalina, uma importante empresa têxtil e o único hospital universitário de Blumenau.

Os moradores trabalham nos pequenos comércios espalhados pelas três principais ruas do bairro ou lotam os ônibus pelas manhãs a caminho das fábricas em outras zonas da cidade. Quando Joana chegou ao Cras e fez seu cadastro, mal sabia usar o transporte coletivo, já que em Planalto, com cerca de 24 mil habitantes — em Blumenau estima-se 334 mil —, fazia tudo a pé ou de carro.

No total são sete Cras espalhados pela cidade que tentam atender todas as regiões e que têm como função básica proteger socialmente a comunidade, garantindo seus direitos sociais. Foi ali que a baiana aprendeu a andar de ônibus e recebeu encaminhamento para o primeiro emprego. Além disso, entrou para o grupo de 83 pessoas da região onde vive que são acompanhadas por uma equipe de 15 profissionais, entre eles assistentes sociais, psicólogas e educadores. Luciana Coelho é coordenadora do Cras em que Joana foi atendida e explica que os auxílios não ficam restritos ao dinheiro. “Ainda existe essa ideia de que a assistência social tem que entregar o benefício financeiro e só, mas é muito além disso, é uma coisa muito ampla”.

A coordenadora conta que quando os profissionais percebem a situação de vulnerabilidade, além de direcionar os moradores para os programas sociais, inicia-se o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), como é o caso de Joana. Ela entrou no Centro para descobrir como chegar até as oportunidades de emprego e frequenta o espaço até hoje. Quinzenalmente tem reuniões com outras mulheres que também estão passando por uma fase difícil. Juntas fazem pequenos cursos de artesanato enquanto conversam sobre temas de interesse em comum, como trabalho e

autonomia familiar — tudo com a supervisão de alguma assistente social.

“Se eu falto um dia a assistente vem me visitar para perguntar se está tudo bem”, diz com o semblante feliz por saber que tem com quem contar. As visitas domiciliares também fazem parte do PAIF, já que são com elas que o Cras consegue monitorar a situação de cada família. Todos os serviços prestados às pessoas carentes são integrados, desde o encaminhamento para o mercado de trabalho, para os programas sociais federais e municipais até reuniões para fortalecer os vínculos familiares.

FALTA DINHEIRO, SOBRA FORÇA DE VONTADE

Pouco mais de um ano depois que começou a trabalhar como faxineira, Joana passou a sentir fortes dores na coluna. As idas ao médico logo deram o diagnóstico: a combinação de um hematoma, desvio e osteofitose (bico de papagaio). O recomendado foi parar de trabalhar. Ela não quis. “Trabalhando a gente tem aquele cartão [vale-alimentação], tem benefícios, a gente vai conversando, conhece um, conhece outro e é muito bom”, justifica sorridente, gesticulando pouco com as mãos.

Joana ignorou as dores até o corpo não aguentar. Ficou internada por 11 dias pelo Sistema Único de Saúde (SUS) — que, tirando a falta de remédio vez ou outra, foi muito eficiente para ela — e saiu recuperada. Voltou ao serviço, sentiu novos incômodos físicos e coincidentemente foi demitida com mais 200 pessoas em meados de 2015.

Desde que recebeu o seguro-desemprego busca no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) o auxílio-doença. Porém, conseguir o afastamento definitivo não será fácil. Em setembro o INSS começou a convocar beneficiários no país inteiro para revisar a necessidade do auxílio e da aposentadoria por invalidez. Só em Santa Catarina 103 mil pessoas passarão por nova perícia e, com a volta de muitos, o governo estipula uma economia aos cofres públicos de R\$ 126 milhões por mês.

As dores que a baiana sente são controladas com uma série de remédios guardados dentro da *necessaire* branca com joaninhas vermelhas desenhadas. As receitas e encaminhamentos de todo o processo das perícias médicas estão organizados dentro de uma pasta transparente. Joana deixa tudo em cima da estante de madeira marrom escuro

com pouco mais de um metro de altura na sala e às vezes toma o remédio errado — são tantos comprimidos que a confusão se justifica. Quando o posto de saúde não tem alguma das medicações, são as senhoras da igreja do bairro que compram e entregam junto com alguns alimentos.

Mesmo sentindo muitas dores, ela procura novo emprego. Passa a mão no cabelo preso por um coque na altura da orelha que mescla fios pintados de preto com os brancos, revelando os 46 anos de muita preocupação e pouco dinheiro, e conclui se justificando: “Devia ajeitar esse cabelo, talvez ajude na apresentação, né? Só que não tenho dinheiro para isso não”.

Sem renda, depende da ajuda da filha que veio da Bahia depois dela e do filho. Sempre que possível eles levam comida ou pagam alguma conta. Joana conseguiu no Cras o Benefício Eventual de R\$ 350 oriundo da Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Todo mês guarda o valor para unir com os R\$ 350 do mês seguinte e poder pagar o aluguel de R\$ 550, que está sempre atrasado.

das duas filhas, está ao lado do fogão. Joana dorme em uma cama disposta no segundo corredor que liga a cozinha à lavanderia — que termina na pequena sacada que serve de vista para as árvores responsáveis pela boa ventilação.

Os pisos brancos brilham, não há muitos objetos pela casa e nem cortinas nas janelas. O pacote com pães franceses está intacto em cima da mesa a espera das meninas acordarem para ser aberto e acompanhar o café fresco. É sábado e Joana deixa as duas dormirem até mais tarde porque durante a semana levantam cedo para ir à escola. Faz as tarefas de casa sozinha e não quer que Raquel, de 17, trabalhe fora. A única coisa que pede para as duas é o motivo que a trouxe para Blumenau: que ambas estudem.

Toda semana sai para levar currículos, ir ao médico, em agências de emprego ou no Cras em dias de reunião. Apesar das dificuldades, Joana não reclama. É dona de uma sabedoria que parece ter nascido junto com ela.

De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 58.394 pessoas em Blumenau não possuem renda

A casa branca fica logo após a curva do pequeno morro calçado, na rua sem saída. O imóvel está entre outros dois, divididos por muros altos — na parte de trás existe um terreno repleto de palmeiras. Há uma brisa que vem de lá e que carrega o cheiro do café pronto da cozinha para a sala. Os dois cômodos são separados por um pequeno corredor. A porta do único quarto,

A boa relação com os vizinhos rende perguntas constantes sobre sua situação e sacoladas do sítio quando um deles viaja para o interior. “Teve uma vez que eu não sei como, se a vizinha desconfiou de alguma coisa [estavam passando fome], mas ela chegou com uma sacola cheia de carne, aí me deu e eu disse: ‘oxa vizinha, eu estava precisando mesmo, mas é que eu tenho vergonha de te falar’”, conta com um sorriso tímido.

IGNORÂNCIA NA CIDADE DE BONS NÚMEROS

A boa interação de Joana com os demais refletiu também nos dois lugares onde trabalhou. Sem qualquer reclamação sobre seu serviço, sempre fugia de fofocas. Bem tratada por quase todos que conheceu na cidade, teve alguns dias de exceção em que ouviu o que não precisava. O primeiro deles foi quando notou um grupo da chefia da empresa em que limpava conversando. “Eu vi eles falando que o povo do nordeste é besta, que ‘vem pra cá fazer o que?’. Que somos preguiçosos, que baiano só gosta de ficar na rede balançando”.

Escutou, saiu da sala e terminou a limpeza que estava fazendo depois que a reunião acabou. Na segunda vez não aguentou e respondeu com a frase que abre esse texto: “Eu sei que as pessoas daqui gostam de estudar muito, gostam de ter um emprego melhor. Já nós que viemos de lá não tivemos condições de nos formar em coisas boas, então a gente tem que limpar para vocês. Então, se vocês repararem, nós é que limpamos”, disse com convicção, sem deixar o olhar cair.

Joana estava certa. É necessário pouco esforço para perceber, em qualquer estabelecimento de Blumenau, que os empregos de prestação de serviço estão sob a responsabilidade de migrantes e homens e mulheres negros.

“Esse mito de Blumenau ser majoritariamente branca e de olho azul acaba também inculindo certas características no povo germânico: que só ele é trabalhador, inteligente e sério. Acaba se criando estereótipos em relação a outras populações”

“Esse mito de Blumenau ser majoritariamente branca e de olhos azuis acaba também inculindo certas características no povo germânico: que só ele é trabalhador, inteligente e sério. Acaba se criando estereótipos em relação a outras populações. A gente vê aqui muita xenofobia contra o pessoal do Paraná, do nordeste, os próprios negros. Se a gente for perceber atualmente no cenário de Blumenau, o povo que tem as cargas horárias maiores, que trabalha em shoppings e supermercados é normalmente de fora”, analisa a representante do Movimento de Consciência Negra — Cisne Negro, Aline Cruz.

Joana já ouviu, entre piadas e grosserias, que as pessoas do nordeste passam fome e que não deveriam sair da sua terra. “A Bahia tem canto que dá pena mesmo, tem gente passando necessidade, mas aqui eu vejo a mesma coisa no Cras. Não é tanto, mas tem”. A opinião de Joana é a mesma que a da coordenadora do Centro em que frequenta. “Blumenau tem o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal muito alto [0.806, a 25ª melhor colocação do país e 7ª melhor do estado], mas há muitas pessoas ainda em situação de extrema pobreza.

No nosso caso as periferias ficam nos morros, onde as pessoas têm dificuldade de acesso, muitas nem sabem que o Cras existe”, explica Luciana. De acordo com o último censo do IBGE, 58.394 pessoas em Blumenau não possuem renda, assim como Joana.

A moradora já superou outros momentos difíceis. Conversa com o rosto levemente virado para a esquerda para que a orelha direita possa escutar com atenção quem fala. Perdeu a outra audição depois de um soco que levou do ex-marido, que vendeu quase tudo o que tinham para comprar drogas. Superou a depressão causada pelo episódio e voltou a trabalhar. Depois de alguns anos negociou o pouco que sobrou de seus bens e saiu de Planalto.

Joana, que não consegue exigir nada de ninguém, que deixa a placa de proibido fumar pendurada na parede da sala para que as visitas percebam sozinhas que a atitude aborrece a anfitriã, espera algo melhor para o futuro. O olhar cansado, mas cheio de brilho, reflete toda a esperança e toda a tristeza por não estar vivendo onde gostaria. “Eu acho bom aqui, acho lindo, se eu tivesse casa eu jamais iria embora, não por causa de mim, mas por causa das minhas filhas...” A frase é interrompida pelo toque do celular que é atendido com uma voz carinhosa. “Oi, mãe. Depois eu ligo para a senhora. Tá bom, beijo... É minha mãe, ela liga todo santo dia. Tem 80 anos, mas tá durinha ela, sabe?”. É aí que Joana passa de mãe coruja para filha orgulhosa e não sabe dizer se o que dói mais são as dores na coluna ou o coração com saudade.

Só em setembro o Cras do bairro Fortaleza atendeu mais de 2.500 cidadãos



OS CONTRASTES DEPOIS DA CURVA

Delzi dos Anjos mora perto do centro e sustenta a família com pouco mais de um salário mínimo

A palavra *Vorstadt* tem origem alemã e significa “antes da cidade”. O bairro com o nome estrangeiro é o primeiro para quem chega em Blumenau vindo do litoral e honra sua função de porta de entrada: nas calçadas não há sujeira sobre as lajotas, as casas em estilo enxaimel misturam-se entre outras construções mais antigas, bem conservadas e separadas por muros baixos. O *outdoor* anuncia a gastronomia alemã encontrada na Vila Germânica, distante poucos quilômetros.

A estrada é bem sinalizada e termina no centro, onde estão os restaurantes, museus, hotéis luxuosos e demais atrações que embelezam o município. Ao percorrer o asfalto, um pouco depois de uma curva acentuada, o primeiro caminho a direita revela outra cidade. Não há muros de plantas como visto a poucos metros e as pequenas casas de alvenaria são unidas pelas paredes. O asfalto é substituído pelos paralelepípedos, os morros começam a surgir e as casas se dispõem de maneira irregular, umas no alto, outras na parte plana. Pelas calçadas sem pavimentação, alguns pontos com lixos amontoados parece não incomodar os moradores que circulam confortáveis em seus chinelos e blusas de manga. As pequenas ruas paralelas são muitas, entre elas a Santa Helena.

A rua Santa Helena é estreita e não tem saída. É no final dela, depois de uma subida íngreme sob blocos de cimento que quatro crianças brincam, aos berros, com o Bolota. O cão é invejado pelos cachorros vizinhos que, presos em seus cercados, latem freneticamente querendo participar da bagunça. Delzi está na varanda do segundo andar da casa de alvenaria. Os ouvidos ignoram o barulho que seus dois filhos, José, de 11 anos e Deyse, de 8, fazem enquanto se divertem com outras duas crianças. Os olhos estão atentos ao celular lendo as mensagens da filha de 18 anos que lamenta as noites não dormidas por cuidar de Arthur, seu bebê de seis meses.

Delzi Aparecida dos Anjos tem 41 anos, três netos e seis filhos. Vive na parte de cima de uma casa alugada onde cria sozinha os dois mais novos. A paranaense de Palmital decidiu deixar Curitiba, cidade onde viveu por 12 anos, para seguir os passos da irmã

mais velha, Leni, que comprou em Blumenau um terreno com três casas. Em 2011 decidiu vir morar no município e convidou a caçula. Delzi, que sempre teve muito apoio da irmã, inclusive com a criação de seus filhos, aceitou o chamado semanas depois.



Delzi sonha com o imóvel próprio para criar as crianças com estabilidade

No mesmo mês em que chegou, julho de 2011, conseguiu emprego no Hospital Santa Catarina como camareira. Sem precisar pagar aluguel, o dinheiro era suficiente para que os cinco filhos pudessem comer — apenas o mais velho, de 24 anos, havia ficado em Curitiba. Mas, em menos de um ano o destino começou a apontar para tempos difíceis. A coluna da mulher que trabalhou desde os sete anos de idade passou a dar sinais de extremo cansaço. Os atestados foram frequentes e logo foi demitida. E não bastasse a dor física, veio a dor na alma: sua irmã foi diagnosticada com câncer. Um ano após lutar contra a doença, deixou Delzi.

A paranaense coleciona superações. Antes de chegar a Blumenau e perder a irmã, passou por inúmeras situações que lhe tiraram o sono, os sonhos e a tranquilidade. Aos sete anos trabalhava na roça. Aos 11, a menina que nunca teve infância virou empregada doméstica em casas de família e sofreu assédio sexual em duas delas. Certa vez o filho dos patrões tentou estuprá-la quando estavam sozinhos em casa. Com medo, correu para a rua e ali ficou até o casal voltar. Foi repreendida por não ter feito a faxina e ouviu de cabeça baixa.

MINHA CASA, MINHA VIDA

A paranaense é uma entre milhares de mulheres que já passou por relações conflituosas — três a cada cinco brasileiras relatam ter sofrido violência no relacionamento. Hoje não aceita que nenhum homem sequer levante a voz para ela

Trabalhava para ganhar comida, peças de roupas e pouquíssimo dinheiro, “quase uma escravidão”, resume. Apenas aos 24 anos sua carteira de trabalho foi assinada pela primeira vez. Para conseguir o emprego como auxiliar de serviços gerais disse que tinha o ensino fundamental completo. Quando a empresa descobriu a mentira, ofereceu-lhe um curso supletivo. Contente com a oportunidade, voltou a estudar e completou a quarta série. O restante não concluiu por conta da implicância do ex-marido que achava que ela ficava muito tempo fora de casa. Teve que desistir.

Delzi é uma entre milhares de mulheres que já passou por relações conflituosas — três a cada cinco brasileiras relatam ter sofrido violência no relacionamento, de acordo com o Instituto Avon. Nos dois casamentos que teve foi agredida, várias vezes na frente das crianças. Por isso atualmente nenhum dos filhos quer ter contato com o pai. Conseguiu pôr fim nos dois envolvimento abusivos que viveu. Hoje não aceita que nenhum homem sequer levante a voz para ela.

Ainda em Curitiba, separada, entrou na justiça para conseguir pensão para os filhos. Quando recebeu advertência verbal da empresa onde trabalhava por faltar demais devido às audiências, desistiu. Foi assim, sempre com a ajuda da irmã e trabalhando sozinha que criou os pequenos. Em Blumenau, com a morte de Leni, o então cunhado mandou Delzi embora. Sem ter qualquer conhecido com quem pudesse contar, alugou uma casa para viver com os filhos mais novos, pois os mais velhos casaram e foram para outros bairros. Ela conseguiu novo emprego como auxiliar de

serviços gerais em uma empresa terceirizada e limpa três cooperativas de crédito cinco vezes por semana, todas no centro, distantes a cerca de 30 minutos a pé da sua casa.

A paranaense prefere caminhar a esperar o ônibus que passa a 500 metros do imóvel, muitas vezes atrasado. Para chegar até a parada precisa descer a rua estreita e alta — da varanda é possível ver os vários morros verdes que contornam a cidade. A casa é simples e pequena, como todas as outras da vizinhança. Dentro há uma cozinha com móveis velhos e abertos por causa das portas soltas tomadas pelos cupins.

Na sala a estante com vários objetos, entre eles porta-retratos com fotos dos filhos, dos pais e da irmã e uma televisão de tubo pequena preenche toda a parede. José dorme na cama que fica escondida atrás do sofá de três lugares, desbotado e sem conforto. O único quarto é dividido entre ela e a pequena Deyse. Nos fundos não há vizinhos, apenas um paredão de concreto construído para conter o barranco maior que a casa. Quem vê da janela da cozinha pode até se assustar, mas a moradora garante que é seguro.

Delzi recebe pouco mais de R\$ 900 por mês. O aluguel custa R\$ 600. Para não passar fome já pegou empréstimo no banco e pede ajuda para o filho mais velho quando a situação fica insustentável. Os pulmões buscam o ar, a voz falha e ela tenta, segurando as lágrimas que aparecem de repente, explicar que toda essa realidade a faz querer voltar para o Paraná e morar com a mãe. Porém, os filhos estão aqui e não pensam em deixar Blumenau.

Quando percebeu que sozinha não conseguiria pagar aluguel e alimentar suas crianças, procurou o Centro de Referência da Assistência Social (Cras). Mensalmente recebe o cartão de alimentação de R\$ 100. Seis meses depois de ter suas informações aprovadas no Cadastro Único (CadÚnico — instrumento de coleta de dados criado para identificar as famílias de baixa renda no país), recebeu o primeiro benefício de R\$ 280 do Bolsa Família, em setembro. Segundo a Secretaria de Gestão da Informação (SAGI) a média do valor destinado é de R\$ 196,26, mas variações ocorrem conforme a necessidade de cada caso. Ano passado, 4.042 famílias foram beneficiadas com o programa federal em Blumenau.

Delzi também se inscreveu no Minha Casa Minha Vida, já que sem a ajuda do programa de habitação acredita que jamais conseguirá adquirir o próprio imóvel. Mais de 2 mil famílias estão na sua frente a espera de serem chamadas para

viver em conjuntos habitacionais construídos sob a fiscalização da Caixa Econômica Federal. Desde 2010 cerca de 2.800 foram convocadas para residirem nos apartamentos distribuídos em quatro bairros do município.

Enquanto o sonho da casa própria não se torna realidade, a paranaense planeja continuar em Blumenau para ficar perto dos filhos mais velhos e criar Deyse e José. O desvio na coluna continua a incomodar, mas ela não falta ao trabalho para procurar ajuda médica porque tem medo de perder novamente o emprego. De sorriso tímido e voz lenta confessa que mesmo que vá para qualquer outro lugar do país, sentirá um vazio. A ausência da irmã é lembrada constantemente, ainda mais por estar na terra onde Leni quis tanto morar. No fundo, Delzi escolheu continuar na cidade como forma de homenagear pela última vez a primogênita de seus pais que tanto admirava.

ATRÁS DO MORRO, A FELICIDADE

Apesar das dificuldades que enfrenta por viver em uma área periférica, Joice da Cruz se sente segura no novo lar, rodeada de amigos e familiares

O ônibus sobe o morro da rua Coripós durante três minutos ocupando parte da pista contrária até chegar na frente da escola Norma Huber, no bairro Escola Agrícola. A partir dali, o trajeto deve ser feito a pé. Mais um morro. Nesse, um carro patina e tenta, a todo custo, subir. Os pneus carecas, as lajotas molhadas pela garoa que cai e a inclinação acentuada impedem o automóvel de seguir. Mesmo andando, subir e descer se torna uma aventura. Na subida os sapatos deslizam quase tanto quanto as rodas do carro. Na descida os joelhos se dobram ao máximo para alcançar o equilíbrio e as pernas não escorregarem. Por fim, o asfalto acaba, a rua fica plana apesar dos inúmeros buracos e é no final dela que Joice Fátima da Cruz, de 33 anos, mora.

A paranaense chegou há quase dois anos com os três filhos e vive atrás da pequena casa da mãe na Coripós, região considerada pelo IBGE como aglomerado subnormal. Na definição do Instituto, a nomenclatura “engloba os diversos tipos de assentamentos irregulares existentes no país, como favelas, invasões, grotas, baixadas e comunidades”.

Na última análise do IBGE, em 2010, 17 áreas do município entraram para a classificação de aglomerados subnormais. No total mais de 23 mil pessoas estão nessas regiões e fazem parte dos 7,52% da população que mora em favelas. Com o número, Blumenau está em primeiro lugar no *ranking* estadual com maior quantidade de cidadãos que vivem em áreas periféricas, ficando na frente de Florianópolis e Joinville. Quando se considera o total de habitantes a cidade cai para a terceira colocação.

Nos relatórios da prefeitura os aglomerados subnormais recebem outro nome: assentamentos precários — e são 55, 38 a mais do que foi identificado pelo IBGE. Em 2010, o Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (PMHIS) mapeou todos os problemas encontrados nessas regiões. Das 11.337 famílias, 5,45% não possuía abastecimento de energia elétrica, 14,54% utilizava ligação clandestina (rabicho) e 12% não tinha coleta de lixo.

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Semudes) não soube atualizar os números divulgados há seis anos, pois diz atuar em apenas 17 dos 55 assentamentos. Esses, delimitados como Zonas de Especial Interesse Social (Zeis), passam em sua maioria por regularização fundiária e melhorias de infraestrutura que devem ser concluídas no final de 2017. Das áreas assistidas pela Semudes, apenas duas apresentavam um dos três problemas listados acima.

No total mais de 23 mil pessoas estão nessas regiões e fazem parte dos 7,52% da população que mora em favelas

O Coripós não está entre as 17. Nos pontos mais altos do morro, o caminhão do lixo e a energia elétrica não chegam. A região aparece vez ou outra nos noticiários por ser palco de homicídios. Devido à fama que ganhou na cidade pela alta criminalidade e precariedade em alguns pontos, os preços dos imóveis chegam em R\$ 100 mil, enquanto em outras áreas do bairro são poucas as residências vendidas por menos de R\$ 600 mil.

Joice conseguiu comprar a casa com o dinheiro da venda do imóvel que possuía em Francisco Beltrão, sua cidade natal. O ex-marido aceitou que ela ficasse com toda a quantia, mas em

troca não paga pensão para as crianças, nem tem contato com elas. É assim desde que o casal se separou, há sete anos. A paranaense consegue se sustentar e alimentar os filhos de 10, 12 e 15 anos com o emprego de auxiliar de limpeza em uma empresa terceirizada. Para chegar até o Senai, local em que trabalha, precisa pegar dois ônibus para ir e voltar.

Lúcia, sua mãe, estava em Blumenau há nove anos quando convenceu a filha de que em Santa Catarina a oferta de emprego era maior e os salários melhores. Joice, que vivia sozinha em Francisco Beltrão com as crianças, decidiu arriscar. Antes, trabalhando na mesma função recebia R\$ 800, agora ganha quase R\$ 1.500 incluindo o vale alimentação. Sente-se bem vivendo em Blumenau por causa dos inúmeros conhecidos do Paraná que também estão na cidade.

A maioria dos amigos são de outra região. “No começo eu lembro que eu não me sentia muito bem em relação às pessoas que moram aqui, que são daqui. Acho que elas são mais fechadas. Eu estou acostumada que lá no Paraná mesmo que chega um estranho o pessoal acolhe, tenta ajudar e conversar. Aqui não, é cada um na sua casa, fechado. Agora já acostumei, mas no começo...”, lembra enquanto franze a testa.

Apesar do distanciamento de alguns colegas de trabalho e vizinhos, foi um blumenauense que trouxe uma nova fase para a vida amorosa de Joice. Ela e Daniel estão juntos há um ano e falam em casamento. No antebraço a frase “amor só de mãe” foi tatuada depois da desilusão com o pai de seus filhos — que hoje gostam do futuro padrasto e estão contentes com todas as novidades que a cidade trouxe. Natiele, a filha do meio, toca escaleta na banda da escola, um instrumento de sopro que tem um pequeno teclado. Os olhos da mãe brilham quando lembra do feriado de 7 de setembro, dia em que viu pela primeira vez a filha desfilar pela rua principal do centro da cidade.

Nos finais de semana a programação normalmente é assistir programas na TV aberta ou conversar pelas redes sociais

através do celular que está sempre junto com Joice. Às vezes um passeio pelo *shopping* com Daniel e os filhos, mas somente quando tem extrema disposição, pois andar de ônibus nos dois dias de folga “é a treva”, brinca com uma risada curta. Os horários se tornam escassos, muitas vezes com intervalos de quase duas horas, como é o caso da única linha que passa pela região do Coripós.

Em janeiro a prefeitura rompeu o contrato com o consórcio que gerenciava o transporte coletivo. A empresa Piracicabana presta os serviços até ser lançada a nova licitação, algo prometido para o primeiro semestre de 2017. A frota foi trocada, os

ônibus amarelos deram lugar a coletivos brancos, velhos e quebrados. Nos finais de semana existe pouca regularidade nos horários e nos dias úteis há superlotação em diversas linhas. Para quem não tem carro como o casal, depender do transporte coletivo exige paciência.

Apesar de viver em uma região conhecida pela criminalidade, a paranaense se sente segura na casa de madeira azul, rodeada por amigos, a mãe, 11 gatos e três cachorros. Está disposta a ficar na cidade até a velhice chegar e os filhos decidirem se continuam em Blumenau ou se saem em busca de uma nova realidade como sua mãe e avó fizeram.

A maior alegria de Joice foi ver a filha desfilando com a fanfarra da escola



Na área central muitas lojas tiveram as paredes revestidas por caibros, imitando construções enxaimel



Alemanha sem passaporte

UM MUNICÍPIO, VÁRIAS CORES

A terra que também foi construída por africanos ainda invisibiliza sua população negra

Roseilda descansa do almoço com as pernas esticadas sobre a cadeira de plástico azul, dessas típicas de bares de esquina. É ali, nos fundos do prédio de três andares, que sempre termina sua hora de intervalo, aproveitando a brisa e a sombra que as grandes árvores do quintal proporcionam. A construção serve de espaço para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Semudes). Roseilda da Paz Gomes, 32 anos, conhecida por todos como Rose, faz a limpeza do local com mais duas colegas de segunda a sexta-feira, das 6h às 15h, pela empresa terceirizada Orcali.

Há oito anos saiu de Ingá, na Paraíba, para fugir das poucas oportunidades de emprego e do ex-marido que não aceitava a separação. Ela tinha medo. Viveu um casamento repleto de violências físicas durante sete anos e quando conseguiu se separar achou que seria morta. Decidida a recomeçar sua vida em Blumenau, não tinha dinheiro para os quatro dias de viagem porque ganhava R\$ 15 fazendo faxinas esporádicas em algumas casas. Foi então que a prefeitura da cidade de pouco mais de 18 mil habitantes se dispôs a pagar o bilhete de Ingá até São Paulo. Para sair da capital paulista recebeu ajuda financeira do primo e do irmão que já estavam em Blumenau.

Assim que chegou ficou na casa do irmão até encontrar o primeiro emprego em uma fábrica de roupas de Pomerode, cidade limítrofe a Blumenau. Depois de algumas semanas alugou uma quitinete para viver sozinha com Riquelme, o filho mais novo de cinco anos que veio com ela. Levou poucos dias para colocar o menino na creche e, por isso, pode se considerar uma mãe com sorte. Até final de outubro deste ano, 5.341 crianças estavam na fila de espera para se matricular em um dos 71 Centros de Educação Infantil (CEI) de Blumenau.

Quando conseguiu a vaga explicou o caminho para o pequeno. Da casa onde morava até o CEI era necessário percorrer algumas ruas e morros, um trajeto que levava, a pé, em média 15 minutos. “Eu saía para trabalhar às 3h da manhã, tinha que deixá-lo em casa dormindo sozinho. Com cinco anos, ele tinha que se virar. Eu fazia comida e ensinava a ele: ‘quando for meio dia, que o relógio parar aqui [mostrava o número 12 e os ponteiros], aí meu filho, você toma banho, almoça e vai embora para a escola’. Doía. Ele pequeno, pequeno, mas eu dizia a ele: ‘é só eu e você, Riquelme’”, lembra emocionada.

Um ano depois da mudança para Blumenau buscou Guilherme, o filho mais velho criado pela avó. Mais um ano se passou até conhecer o atual marido e engravidar de Mariana. Quando

a menina tinha oito meses Roseilda começou a trabalhar em um restaurante das 6h às 23h para conseguir aprovar o empréstimo na cooperativa de crédito e poder comprar uma casa de R\$ 8 mil.

O valor foge à regra. Em média, um imóvel de 70 metros quadrados em Blumenau custa R\$ 207 mil, como indicou a pesquisa da empresa de consultoria Delta Economics & Finance no fim de 2015. A casa de Roseilda é toda de madeira e está localizada em uma área considerada de risco. Sem escritura, o negócio foi feito apenas com contrato de compra e venda. Por estar em um terreno irregular, alguns problemas são recorrentes, como a coleta de resíduos.

O caminhão de lixo não consegue passar na frente do imóvel - até mesmo para um carro pequeno

Roseilda precisa descer 80 degraus toda vez que sai de seu domicílio



retornar da rua sem saída e estreita é algo que requer atenção e calma. Os buracos fundos, as pedras soltas do chão de barro e o barranco logo abaixo assustam. É por isso que quem mora no final da rua precisa levar o lixo em latões localizados antes do estreitamento acontecer.

De onde Roseilda vive é possível ver o rio Itajaí-Açu que atravessa a cidade. Todo o esgoto

desemboca direto nas águas turvas que sobem rapidamente em épocas de chuva intensa. O serviço de coleta e tratamento de esgoto doméstico atinge apenas 30% da população. Mesmo em tempos de enchente a água não chega nem perto da residência da paraibana — depois de subir a rua sem saída são necessários mais 80 degraus de escada para chegar no alto do barranco em que mora.

AMIZADE QUE NASCEU DAS SEMELHANÇAS

A escada passa ao lado da casa de Vanilda Vieira, 45 anos. Val, como é chamada pelos vizinhos e amigos, teve poucos minutos para decidir se viria a Blumenau ou ficaria em Caxias do Sul, há quase três décadas. Ela se envolveu com um blumenauense que estava a passeio na sua cidade natal e engravidou de Débora. Quando ele soube da gestação negou a paternidade e voltou para Santa Catarina. A barriga já denunciava a gravidez não planejada quando o avô paterno de Débora procurou por Vanilda.

O homem de pele rosada e olhos azuis arrastou os erros nas palavras que usou para convidar a gaúcha a viver com seu filho e criar a neta que estava a caminho. Vanilda sabia que, caso ficasse no Rio Grande do Sul, teria que entregar Débora para adoção. A fome fazia parte do seu cotidiano desde que os pais haviam morrido, quando ainda era uma criança. Morava com a irmã mais velha em um casebre e catava papelão para sobreviver.

Decidiu aceitar o casamento improvisado para poder ver a filha crescer. Depois do nascimento da primeira, Vanilda teve mais três: Mariane, Viviane e Jairo. Assim que chegou à cidade começou a trabalhar em um famoso restaurante de comida típica alemã e não demorou a se tornar uma cozinheira conhecida. “Eu era uma ‘alemoa’ africana, fazia um *eisbein* [joelho de porco] e marreco como ninguém”, brinca descontraída enquanto passa a mão pelos dedos negros.

Trabalhava nos finais de semana e feriados para sustentar as crianças. O esforço era tanto para conseguir pagar as contas que quando rompeu o tendão do joelho direito não quis tratar para não ter que se afastar do serviço. Então veio a consequência: depois de duas décadas cozinhando para os melhores pontos gastronômicos da cidade, as dores insuportáveis trouxeram a aposentadoria por invalidez.

“Eu era uma ‘alemoa’ africana, fazia um *eisbein* [joelho de porco] e marreco como ninguém”



Vanilda se considera uma mulher forte por ter superado tudo que passou

Antes de parar de fazer o que mais amava, teve uma relação de muitas brigas, traições e idas e vindas até o dia em que descobriu que sua casa havia sido vendida pelo marido. Com o apoio de alguns amigos fez um empréstimo e comprou sozinha seu segundo imóvel há 12 anos. Vive com o filho mais novo e mantém a casa de madeira velha, estreita e pequena com a aposentadoria de R\$ 1.400.

Quando a nova vizinha, Roseilda, comprou em 2011 o imóvel perto do seu, a amizade não demorou a florescer. Muitas semelhanças aproximam as duas. Ambas tiveram que trabalhar em dois turnos para conseguir o empréstimo e comprar suas pequenas casas desgastadas pelo tempo e inacabadas. Tanto uma quanto a outra sentiram o peso de serem negras em uma cidade que invisibiliza sua população afrodescendente.

“Ele dava de dedo na minha cara, mas eu precisava sustentar meus filhos. Ele dizia: ‘eu não gosto de preto, preto eu carrego debaixo do meu pé, no meu sapato. Só te aturo porque tu trabalhas”

Aline Cruz, do Movimento de Consciência Negra — Cisne Negro considera prejudicial a propagação da ideia de que a cidade é uma “Alemanha sem passaporte”, como foi divulgado pela prefeitura em 2014 em campanha publicitária por diversos *outdoors* nos municípios vizinhos. “Eu acho bem desonesta essa campanha porque cria esse mito, e a gente vê pessoas extremamente esclarecidas, que sabem muito sobre Blumenau e cultura germânica mas negam as populações negras que estão aqui desde sempre”, opina.

O coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (Neab) da Universidade Regional de Blumenau (Furb), Carlos Silva, conta que Hermann Blumenau trouxe alguns escravos para construir a cidade que leva seu sobrenome. Além disso, quando o colonizador chegou já existiam negros e comunidades ribeirinhas próximas ao Itajaí-Açu. Nas escolas poucos conhecem esse lado da história. Já em 1931 inaugurou-se a ponte mais famosa da cidade, construída por inúmeros negros que vieram com suas famílias e acabaram construindo barracos na margem do rio. Nascia então, ao lado da ponte de ferro, a “favela Farroupilha” — que em menos de 20 anos de existência foi destruída e seus moradores removidos para regiões distantes do centro.

Para o IBGE, 10% da população blumenauense é negra e parda. O coordenador do Neab acredita que o percentual é um pouco maior por dois motivos: a chegada de muitos nordestinos e haitianos depois de 2010 e por muitos não se declararem pretos devido à “negatividade histórica em se reconhecer como negro, ainda mais em uma cidade em que predomina a política cultural de se vender como germânica”, destaca.

A primeira decepção que Vanilda teve com o racismo no município foi quando conheceu a sogra, que não aceitava a nora na família de “alemães”. A segunda foi com o dono de um dos restaurantes onde cozinhou. “Ele dava de dedo na minha cara, mas eu precisava sustentar meus filhos. Ele dizia: ‘eu não gosto de preto, preto eu carrego debaixo do meu pé, no meu sapato. Só te aturo porque tu trabalhas”.

Carlos explica que “há uma postura eurocêntrica em Blumenau, a noção do ‘eu’ e do ‘outro’. Todos aqueles que ‘não somos nós, são os outros, os serviçais, os que nos sugam’. É muito clara essa ideia, principalmente aqui no médio Vale do Itajaí”. Aline acrescenta que a invisibilidade e falta de representatividade da população negra em vários setores da sociedade blumenauense ajudam a sustentar a ideia de uma cidade “branca de olhos azuis”. “No fundo é aquele mesmo tecido racista que permeia todos os estados do Brasil, indiferente da região ter mais ou menos negros”, resume.

Para Vanilda, os episódios ruins são inexpressivos perto de tudo que viveu na cidade. Dona da própria história e de vitórias que se orgulha em contar, a gaúcha se considera blumenauense de tanto amor que tem pelo município. “Eu não saio mais daqui. Eu gosto, eu adoro, eu amo essa cidade. Tudo o que eu quero está aqui”. O “tudo” a que se refere são os filhos. Roseilda divide a mesma opinião que a amiga. Entre mais uma das semelhanças que existem entre as duas está a vontade de apagar da memória as experiências tristes, reformar suas casas e aproveitar ao máximo a vida perto da família.

“Há uma postura eurocêntrica existente em Blumenau, a noção do ‘eu’ e do ‘outro’. Todos aqueles que ‘não somos nós, são os outros, os serviçais, os que nos sugam’. É muito clara essa ideia, principalmente aqui no médio Vale do Itajaí”

EX-MIGRANTES?

Esquecidas, as moradoras que escolheram Blumenau dividem os amores e desamores de viver em uma região que insiste em preservar a cultura alemã e esconder a verdadeira diversidade que existe pelos cantos tímidos da cidade. Donas de seus destinos, provam que não há distinção entre um morador nascido, recém-chegado, descendente de europeus ou não: todos deveriam ter os mesmos direitos, a mesma representatividade. Assim que chegam e se estabelecem, tornam-se parte de Blumenau, contribuindo com sua história. E estão ali, mesmo que silenciadas. Mesmo que consideradas exceção. Mesmo que tratadas como *mulheres invisíveis*.

